

O CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO CARMO

JOSÉ LUÍS DA MOTA MENEZES
Universidade Federal de Pernambuco

Os frades Carmelitas chegam a Pernambuco no ano de 1580. Eram quatro frades e foram bem recebidos e ao ser autorizada a fundação do Convento pelo Capítulo provincial da Cidade de Beja é em Olinda onde, após receberem em doação uma ermida cujos oragos eram Santo Antonio e São Gonçalo, iniciam a construção de um Convento.

A área doada tem uma pequena elevação e é na parte mais alta, local talvez da ermida, que tem assento a construção¹.

Não se conhece ou pelo menos não se localizou o plano inicial do conjunto Carmelitano. No entanto era grandioso, considerando as dimensões percebidas na vista de Olinda, tirada do natural, do pintor Franz Post, quando associada a já citada gravura "Marim de Olinda". Descrição da época da invasão holandesa, dá-nos o Convento como belo templo embora inacabado².

Alguma sepultura no interior da Igreja nos fornece argumentos quanto à construção, já existente antes do domínio holandês.

A primeira, de pessoa falecida em setembro de 1612, Antonio Frz - Pessoa, na Capela do Senhor Bom Jesus, indica que esta parte da construção se encontrava concluída.

A segunda, de Diogo Verçoza e sua mulher, é datada de 1624, se encontrando no cruzeiro³.

Na Capela da Boa Morte, foi sepultada Ignez de

Gois, falecida no dia 6 de julho de 1623.

Essas sepulturas, no entanto, apenas confirmam aquilo que a própria obra da igreja define com muita clareza. É o estilo do templo que melhor identifica o período de sua construção.

A igreja e o convento anexo, embora inacabados, em 1630, foi obra construída, a exemplo da realizada pelos Jesuítas na mesma vila de Olinda, de uma só vez.

Em partido de planta onde uma nave única é ladeada por capelas intercomunicantes que se localizam do cruzeiro para a fachada, guarda estreita semelhança com aquele modelo difundido na segunda metade do século XVI em Portugal. Há entretanto a assinalar no plano de Olinda, o que o singulariza, a ausência de cúpula no cruzeiro⁴. Os dois grandes arcos do cruzeiro têm mesma altura, que o da capela nova, possuindo também mesma modernatura. Há um pequeno intervalo entre os arcos do cruzeiro e o início das capelas intercomunicantes, espaço destinado ao púlpito. Na altura do capitel da capela do transepto, que marca o cruzeiro, e não encostando nele temos a cornija, do entalbamento das quatro capelas intercomunicantes. Estas, em número de quatro, de cada lado da nave, são abertas para a nave através de arcadas em que se utilizam, para a ritmação, a ordem jônica dentro de uma modernatura fiel aos tratados de arquitetura da época da construção⁵. As perfiladuras são de uma notável erudição e destacam pelo uso um oficial que conhecia as obras publicadas de Vignola, Palladio e Serlio. A organização espacial do interior é marcadamente do Renascimento, quer pela utilização fiel dos tratadistas ou pelo cuidado no uso das relações entre as partes do edifício. Embora não se tenha concluído, com a utilização de capitéis e bases, as pilastras que marcam o local das tribunas, elas são definidas no plano original, porquanto arrematadas pela cimalha real que contorna toda a nave. BAZIN chama-nos a atenção para o uso da ordem jônica, de preferência no Alentejo antes da austeridade arquitetônica introduzida pelos jesuítas.

É interessante assinalar que foi também a ordem

jônica a utilizada na composição do pòrtico da Igreja Matriz de São Salvador na mesma Vila de Olinda.

A Capela Mor da igreja é definida pelo seu arco de entrada, o qual marca a abóbada de berço. BAZIN acha que primitivamente ela seria mais curta, isto é, menos profunda, tendo sido ampliada depois da partida dos holandeses. Não estamos tão inclinados a aceitar tal hipótese. Somente um trabalho de pesquisa, no local, com a remoção de rebocos e do piso atual poderia confirmar ou negar a informação do historiador francês. A abóbada é de alvenaria e assenta em grossas paredes, onde não se percebe emendas.

A fachada da igreja é distinta quanto aos períodos de sua construção, sendo a parte inferior bem aquela da fase do interior correspondente às capelas intercomunicantes, e a superior a acabada já no século XVIII.

A parte inferior da fachada do templo se inclui entre aquelas, que aparecem em Portugal e na Espanha e que lembram o tratamento dos retábulos, onde colunas demarcam a composição, conforme se vê na Igreja de N^{ra} S^a da Misericórdia de Guimarães, na Igreja da Misericórdia de Aveiro e em Portugal e em tantas outras do Norte do mesmo país.

O capitel utilizado nestas colunas é entretanto diferente daquele que preconizam os tratadistas mas, frequentes em Portugal, em fase de transição de gosto⁶. A fachada é bem em desacordo com tudo quanto se executava na vila de Olinda no período, basta comparar com a igreja dos Jesuítas e com a Matriz de São Salvador.

Por outro lado, ao procurarmos os possíveis modelos de tal frontispício em Portugal não encontramos similar, mas, tão somente o gosto de utilização de colunas à maneira retabular em algumas igrejas do norte da península ibérica portuguesa⁷.

Seria o risco de arquiteto português conhecido? Não cremos, salvo se pudemos identificar os autores daquelas fachadas retabulares encontradas em Portugal. Estamos certos de que tal plano não se configura da lavra de um Francisco Dias ou outro profissional ativo no Brasil no pe-

ríodo⁸. Somos levados a acreditar ter sido o risco trazido de Portugal ou mesmo da Espanha, porquanto estava esta dominando aquele.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar é aquele referente a construção da parte superior do frontispício e do interior da igreja. Somos levados a acreditar que já se encontravam construídas, quando da chegada dos holandeses, as paredes da igreja até a cimalha real, incluindo-se portanto nisto as partes inferiores das torres. Construídas mas não decoradas com as obras de cantaria as quais de mandavam maior tempo. Da mesma maneira aceitamos a existência da cobertura incluindo as gárgulas de que se refere BAZIN, de gosto comum ao reinado de D. João III. É assim que percebemos o corpo da igreja nas estampas assinaladas. Talvez incompleto, na verdade, estaria o corpo conventual⁹.

Em 1630 tomam a Capitania os holandeses. Em 1631 incendeiam Olinda. Em 1639 são demolidas partes das construções de Olinda para reutilização de pedras lavradas em construções no Recife.

Pela própria natureza das obras da Igreja do Carmo o material de construção era difícil de ser reaproveitado para novas edificações, daí acreditarmos que não se desmontou a Igreja. As ruínas dadas como do Convento Carmelita em pinturas de Post na verdade são da Igreja Matriz de São Salvador, conforme já se pode constatar por estudos realizados quando da restauração da Matriz em 1974. Vários elementos construtivos indicados nas pinturas foram encontrados por ocasião das prospecções e durante as obras daquela igreja.

Frans Post na verdade, parece, não se interessou em pintar a Igreja dos Carmelitas de frente, o mesmo ocorrendo com aquela dos Jesuítas também em Olinda. Não sabemos a razão para tal exclusão. Talvez as duas igrejas não fossem ruínas suficientes para emocionar o pintor. A Matriz de São Salvador, arruinada, ele a pintou várias vezes, provavelmente porque o sabor era maior e correspondia àquele gosto por ruínas presente na pintura do seu tempo.

Já a parte conventual do Carmo deve ter sido pi-

lhada, as ombreiras e as vesgas de pedra serviam. A dificuldade era retirá-las o que deveria, considerando a espessura das paredes, ser penosa a tarefa para os homens contratados para tal finalidade. Quanto às madeiras não, tal material deve ter sido retirado em larga escala; traves, soalhos, forros e demais elementos tais como esquadrias serviam muito para as obras das casas no Recife¹⁰.

Expulsos os holandeses, as obras são retomadas. Agora, no entanto, concentradas provavelmente no corpo conventual, grandioso, e com tudo, talvez, para reedificar.

O Convento tinha três andares e era disposto em quadra à maneira tradicional. PEREIRA DA COSTA o descreve, porquanto o viu ainda de pé, no século XIX, onde destacava a Capela do Capítulo com sua barra de azulejos¹¹.

Em várias fotografias vemos a mole construída ao lado da igreja desde aquela em que se encontra ainda com telhados, reproduzida no livro de Frei André Prat¹², de fotógrafo desconhecido, as outras que mostram as fases do arruinamento de toda a construção.

Analisando a fotografia referida, se pode bem observar, no corpo do Convento, o trecho mais antigo, correspondente à portaria, onde a escala das envezaduras, duas sobre o pórtico de entrada, e que marca a mais antiga composição da quadra, aquela anterior ao domínio holandês e a reconstrução em três andares de após 1654, que diferem claramente. A parte antiga guarda relação com o frontispício da igreja, enquanto o restante da quadra em nada se configura com o templo em termos de modulação. Não acreditamos que as duas partes sejam daquela construção primitiva e tão somente a colada à igreja a qual ainda subsiste nos dias presentes¹³.

A inexistência hoje, do corpo conventual, que veio se arruinando precisamente depois da reforma turônica, de fins do século XVII, quando o Convento passou a fazer parte da província da Bahia, e era dirigido por um padre prior, não nos permite maiores considerações. O que ocorreu com o Convento é bem descrito por PEREIRA DA COSTA e visível através de documentação fotográfica desde o século XIX¹⁴. Em

Em 1907 o coronel Cornélio Padilha, então prefeito, manda demolir o que restava do corpo conventual. Hoje apenas os alicerces nos permite saber das dimensões do Convento.

A igreja vem ter suas obras retomadas também após a partida dos holandeses. De início apenas a parte superior de uma das torres é concluída. Esta traz uma data incompleta 16.... É a torre da parte norte. Depois, em 1726 é terminada a outra torre, de forma semelhante a anterior¹⁵.

O corpo central da fachada é concluída em 1704, aí não mais dentro do plano original que deve ter se perdido, e mesmo, se conservado, não atenderia mais o gosto da segunda metade do século XVII. No entanto a marcação inferior iria definir as aberturas superiores se bem que não continuando as colunas que no projeto original deveriam assentar nas prumadas daquelas do corpo inferior, coruchêus, que arrematariam mais acima a fachada, em composição inusitada e singular. A parte superior do frontispício insere duas janelas que ladeiam um nicho, forma freqüente na segunda metade dos seiscentos em igrejas portuguesas e do Brasil. O corpo é arrematado por um frontão já de gosto barroco e de certa pobreza de composição¹⁶.

O interior da igreja vem ser ornamentado já no século XVIII. Antes do atual retábulo-mor havia outro fingido em pintura. Em 1770, aproximadamente, executa-se aquele altar, em gosto rococô e que não chegou a receber seus dourados. Pintado de branco ele foi restaurado pelo Governo Federal através do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹⁷.

No cruzeiro também por longo período serviu de altar um pintado, o qual se torna importante vez que fingido reproduzindo um modelo de transição entre os retábulos proto-barrocos e aqueles ditos franciscanos, 1º e 2º tipo, respectivamente, na classificação do arquiteto Lúcio Costa. Recentemente se pode ver tal retábulo fingido quando da remoção de um altar em talha, para restauração, que se encontrava justaposto àquele pintado¹⁸. As colunas do retábulo pintado ainda são daquelas anteriores às torsas e envólvidas por folhas de parreira.

No entanto a peça mais importante da igreja é o retábulo de pedra da primeira capela do lado do antigo Evangelho. BAZIN diz que tal retábulo é composto de peças dispa^{res}, no que se engana. Na verdade trata-se de altar de excelente composição e bem do princípio do século XVII. Não acreditamos conforme diz o historiador francês, ser o antigo altar mor. O retábulo é originalmente dessa capela, porquanto nela se enquadra, quanto às suas dimensões, perfeitamente, o que jamais ocorreria na capela-mor. Basta comparar as dimensões da capela-mor e as do altar em tela.

Por outro lado o retábulo é de uma excelente composição tendo inclusive como elemento gerador de seu traçado o círculo que se encontra acima do corpo central do altar. Analisando seu risco à luz dos demais retábulos de cantaria executados naquela fase em Pernambuco temos de reconhecer ser de um artista erudito o desenho do altar. Mais importante é o fato de também a mesa ser de pedra com tratamento similar as partes superiores.

Os capitéis, de ordem coríntea, são dos melhores, executados à luz dos tratadistas, e de acabamento superior aos utilizados nos dois retábulos da igreja jesuíta da mesma vila de Olinda.

Modernatura e modulação, decorrentes de um perfeito conhecimento dos tratadistas e daqueles modelos ibéricos de altares do mesmo gênero, situam o retábulo de Olinda entre os melhores da época. Não nos chegou, da mesma maneira que seus contemporâneos em Pernambuco, dourado e pintado. Mas, não podemos assegurar não ter sido dourado e pintado porquanto tem sido ele sempre caído por devotos pouco conhecedores do seu valor, apesar da vigilância do SPHAN.

A igreja, o único remanescente do conjunto Carmelita, veio também se arruinando ao longo dos séculos XIX. Em 1915, no entanto, após os trabalhos de recuperação de Frei André Prat, que renovou o telhado e outra parte da igreja ela foi solenemente entregue para o culto.

Depois da criação do Serviço Federal de Proteção aos monumentos, pela sua importância, foi restaurada a igreja sob a orientação do Eng. Ayrton de Almeida Carvalho, sendo daí em diante protegida pelo Governo.

A igreja tal como se vê hoje é bem a mole construída no final do século XVI e princípios do seguinte.

No lado da Epístola, em estreita faixa de terra, porquanto a colina descia deste lado em direção oeste, foi construída uma capela de irmãos terceiros Carmelitas. A sua fisionomia, vista em foto antiga, é bem de um templo da segunda metade do século XVIII. Nada existe dessa Capela hoje em dia, no local estão construções que acreditamos novas, e já desmanteladas com enormes rachaduras. Não conhecemos descrição da capela e nem sequer as suas dimensões exatas são possíveis de definir no momento, sem prospecções no local. Seria comparada a igreja principal, pequena e iniciava sua frontaria logo após o meio da capela do transepto da igreja maior, conforme se constata da fotografia citada do livro do Fr. André Prat, a qual confirma tal afirmativa. Em tempo não determinado arruinou-se ou foi demolida.

Possuía a igreja de N^{ra} S^a do Carmo um adro exíguo, porquanto resultante das dimensões da colina, demarcado por um cruzeiro, ainda existente, com inscrição em latim. Parte de um alicerce de um muro parecia indicar que em algum tempo ele teve sua marcação definida por, talvez uma baixa mureta com bancos, à maneira de outros adros.

Ao lado da capela-mor resta ainda parte da construção conventual, bastante descaracterizada e incapaz de nos fornecer maiores informações sobre a quadra. Do lado do antigo Evangelho o que restou do claustro com arcadas sobre os pilares, obra talvez do século XVII.

Finalmente, a igreja guarda, no seu interior, ainda quadros pintados sobre madeira pertencentes ao antigo Convento.

O que impressiona na Igreja do Carmo é seu interior grandioso, tratado com grande erudição, onde uma luz suave, filtrada pelas poucas aberturas, modela e define o vazio da arquitetura cheio de grande valor místico. A luz da igreja, natural, é ainda aquela das igrejas românicas e bem em acordo com a luminosidade intensa tropical preservada no interior da igreja trabalhada que foi pelo excelente profissional que lhe definiu o risco. Os corredores que

correm acima das capelas interligadas e baixas filtram através das tribunas a luz, a qual, amortecida, deixa o interior da igreja em semi-penumbra. Da mesma forma que na Matriz, depois Sé, do Salvador, a luz natural é tratada com maestria pelo criador do espaço interno.

N O T A S

1. O Convento projetado seria visível de todos os lados porquanto isolado em meio a uma cerca que o envolvia. A fachada principal volta-se para a Matriz de São Salvador, situada no trecho mais alto da vila e seu núcleo inicial. Com tal disposição o conjunto dominava do alto da colina a vila quando da sua extensão para além daquele núcleo inicial. Do lado oeste a construção mais próxima, guardava grande distância do Convento, é o sobrado dito "mourisco" no início da rua 27 de Janeiro. Na frente do Convento a construção talvez mais antiga é hoje a casa nº 102, da qual se tem foto em álbum pertencente ao médico Sílvio Paes Barreto. No lado leste a praia, com o mar chegando até o caminho pelo qual se chegava ao Varadouro, hoje Av. Sigismundo Gonçalves, após sua implantação nos inícios do século atual aproveitando a praia mais extensa no local. Pelo sul a grande hortaa que se extendia até São Bento conforme mapa de autor desconhecido inserto no livro de Barleus sobre o governo do Conde Maurício de Nassau.

Diante de tal situação o conjunto representava o ideal da arquitetura, onde o tratamento das fachadas envolvia a visão em torno cultuada no Renascimento e tão desejada na própria Europa, visível nos projetos ideais do período, nem sempre possíveis de serem realizados.

2. "O Convento do Carmo seria um belo templo se tivesse sido concluído". BAERS, Padre João. Olinda Conquistada - Trad. de Alfredo de Carvalho. Recife. Typografia de Laemmert & Cia. Editores. 1898. A edição original é de 1630. Amsterdam.

3. Capela do Bom Jesus dos Passos:

ESTA CAPELA HE DE ANTº FRZ PESSO
A PERA SI E ERDEIROS E TEM HUA MI
SACADA SOMA NA PERA A PE RPETU

Cruzeiro:

S. DE DIOGO D VERÇOÇA ED
SUA MOLHER QUE DEOS AIA MARIA DA
CONCEIÇÃO QVE FALECEO A 29 DE MAIO
DE 1624 E D SEOS HERDROS

4. A igreja é coberta em duas águas com a estrutura do telhado apoiando acima da cimbalha real. A atual estrutura com tesouras executadas provavelmente quando das obras do início do atual século ou mesmo antes são de desenho que não permite se saber se em algum tempo a igreja teve forro de madeira. Tal situação interfere na percepção integral do espaço interno, empobrecido com o telhado aparente, o qual se destaca diante da riqueza arquitetônica em termos de modelação e modernatura do restante da igreja. A ausência de cúpula não seria senão decorrente da própria concepção do espaço interior, onde as dimensões do cruzeiro mais para o retângulo invalidaria a montagem de tal elemento na igreja de Olinda, concebida desde o risco para não ter cúpula e não como consequência de pessoal competente para executá-la como se quíz dizer. A igreja de Olinda ainda se insere entre aquelas que em Portugal não acompanharam as novidades trazidas pelo Plano de "IL GESU". Observe-se na igreja de Olinda que além da dimensão do Cruzeiro, já referida, não há distinção de transepto senão aquela definida pela simetria das grandes capelas, que guardam relação em altura com a Capela-Mor, e a separação notável do transepto das capelas baixas interligadas, em espaço para o púlpito.
5. Veja-se as estampas dos tratados de Palladio e de Vignola em situação semelhante. As pilastras Jônicas estão sobre pedestais. É interessante que na Capela-Mor da igreja dos Jeronimos, em Lisboa, se utiliza, nas ilhargas laterais, composição semelhante, apenas com o uso de colunas, local onde se situam os túmulos.
6. O capitel tem a parte superior alongada, desde o cordão que o separa do fuste. Não é diferente no entanto no que se refere às volutas.

7. É bem verdade que não é possível encontrar os prováveis modelos de igreja de Olinda à luz do que se conhece divulgado de Portugal. No entanto nem sempre se deveria ter modelo para as obras executadas no Brasil. Aqui, as ausências de resistências estilísticas às vezes propicia a criação de novos tipos. Exemplo é a igreja de N^{ra} S^{ra} da Graça, onde o arquiteto, inspirado em São Roque de Lisboa e São Paulo de Braga, cria algo de novo com a inclusão das ordens monumentais que emolduram a fachada e desce para o corpo do frontispício o grande óculo, que em Braga interrompe a cornija do frontão. Em Portugal as igrejas com frontispício "retabular" têm composição bem em comum com a do Carmo de Olinda, apenas utilizando outras ordens diferentes da Jônica. Veja-se, por exemplo, a citada Igreja da Misericórdia de Aveiro, onde o conjunto retabular tem composição análoga ao que seria, se concluído, de Olinda, apenas com uso de ordem coríntea. Em Aveiro também as colunas envolvem uma ponta em arco e na parte superior um nicho, que se manteve, assim como as janelas, em Olinda. O que difere em Olinda de algumas igrejas portuguesas referidas são as duas torres que levam o frontispício a uma maior horizontalidade, partindo do quase quadrado, em proporções, do corpo central.
8. Tal assertiva se define à luz do que se conhece até o momento a respeito dos profissionais ativos no Brasil no período considerado e suas obras conhecidas.
9. Não aceitamos a afirmativa de BAZIN que diz da possibilidade de uma cobertura provisória situada a nível das capelas baixas. Como se explicaria o transepto? e a cimalha real de tratamento condizente com o restante do interior?
10. Dano maior que o incêndio de 1631 da vila, foi na verdade, a retirada do material de construção útil para as obras do Recife. Têm-se destacado, talvez exageradamente o incêndio. Na realidade, a ampliação do Recife em face da necessidade de moradias e da dificuldade de material de construção foi o que levou ao desmonte das construções de Olinda. É o que observa um monge Benediti

tino quando diz das pedras de sepultura usadas na construção de um dos palácios de Nassau, pertencentes ao seu Mosteiro em Olinda.

11. "Apresentando o aspecto de uma grande e alterosa fábrica, com três pavimentos, e quatro faces, sendo uma unida à igreja, deixava ao Centro uma espaçosa área retangular, na qual se via a capela do capítulo, isoladamente disposta, mas em comunicação com a sacristia, e cujas paredes ainda as vimos de pé, revestidas de uma barra de bonitos azulejos, e vendo-se ao fundo seu altar, entre duas janelas, e junto ao qual foi sepultado em 1704 o bispo diocesano D. Fr. Francisco de Lima, carmelita, cujos despojos retirou o nosso Instituto Histórico em 1867".

PEREIRA DA COSTA, F. A. Anais Pernambucanos. 10 vols. (Recife, 1951-1966). Vol. 2, p. 11.

12. FREI ANDRÉ PRAT, O. Carm. Notas Históricas sobre as Missões Carmelitas. Recife. 1941. p. 28-9.
13. A parte em três andares pode ser fruto da reedificação de após 1654, onde se reestruturaria a disposição interior da quadra quanto ao nível dos pisos. Podemos também aceitar a contemporaneidade das partes consideradas como um desvirtuamento do projeto original, apenas obedecido parcialmente.
14. PEREIRA DA COSTA, F. A. Anais, op. cit., vol. 2, pp. 11-2.
15. Nos referimos ao trecho onde se instalam os sinos.
16. Observe-se que a localização das janelas e do nicho guar da relação com o trecho inferior do frontispício, faltando apenas as colunas que envolveriam as janelas e o nicho. Tal situação parece indicar que os vãos já estavam definidos na estrutura da parede da fachada e na altura foram apenas acabados com novas perfilaturas e sem as colunas.
17. O painel pintado do centro desse retábulo foi retirado

para execução do atual trono, provavelmente pelo Fr. André Prat, para o Convento do Carmo do Recife, e, achamos, deveria retornar ao seu local de origem. O trono é obra nova sem valor se comparada ao retábulo. A pintura que se encontra no Recife é de boa qualidade e completa o retábulo, dando-lhe maior unidade.

18. Tal retábulo é pouco posterior ao retábulo-mor e em gosto rococó, todo dourado. Infelizmente, parcialmente desmontado não foi ainda restaurado. Ele é do gosto final rococó e se insere entre aqueles onde um bom exemplar é o da capela do Santo Cristo da Sé de Olinda.



Foto 6 - Igreja do extinto Convento Carmelita - situação atual

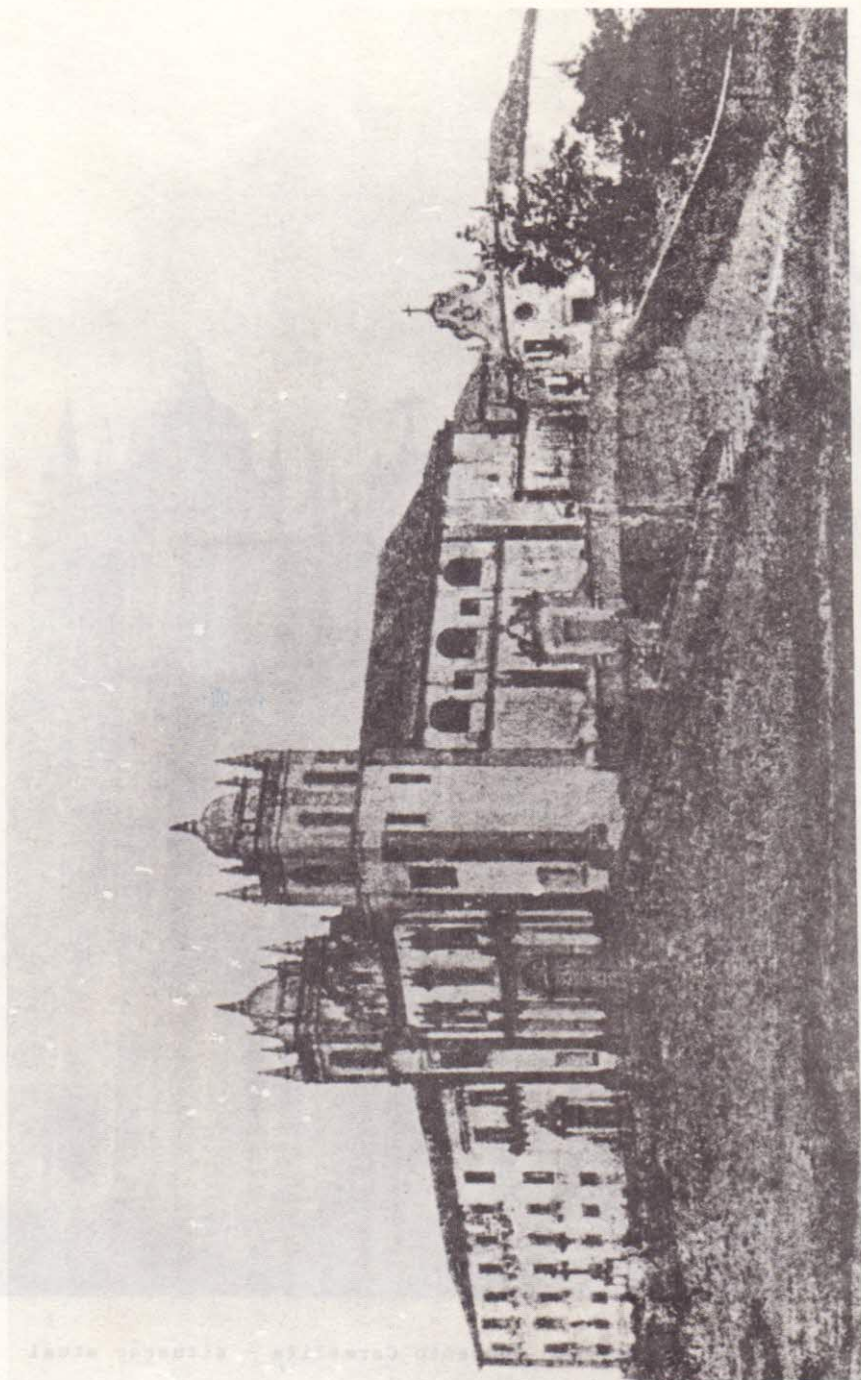


Foto 10 - Convento do Carmo no Século XIX